

Em tempos de pandemia: reflexões sobre a rotina de duas jovens durante o isolamento social

Bruna Rossi Koerich¹

Resumo:

O contexto mundial de pandemia decorrente do novo coronavírus trouxe profundas mudanças para a vida em sociedade. Essas mudanças ocorrem tanto pela pandemia em si, quanto pelos efeitos decorrentes das medidas adotadas para atenuar a propagação do vírus. Esse artigo visa refletir acerca das mudanças na organização das rotinas juvenis durante o período de isolamento social. Para tanto, analisou hora a hora a rotina de duas jovens durante uma semana, bem como as reflexões por elas elaboradas acerca das percepções temporais durante esse contexto. Foi possível observar um deslocamento das atividades centrais para a organização da rotina. Se, antes da pandemia, a rotina se baseava nos *tempos de estudo*, durante o isolamento essa centralidade foi deslocada para as atividades domésticas ou profissionais, dependendo do contexto de cada jovem.

Palavras-chave: Temporalidades Juvenis; Vivências Temporais; Rotina; Isolamento social; Pandemia

In pandemic times: reflections on the routine of two young women during social isolation

Abstract:

The worldwide context of pandemics resulting from the new coronavirus has brought profound changes to life in society. These changes occur both because of the pandemic itself and because of the effects resulting from the measures taken to mitigate the spread of the virus. This article aims to reflect on the changes in the organization of youth routines during the period of social isolation. To this end, it analyzed hour by hour the routine of two young women for a week, as well as the reflections they elaborated on temporal perceptions during this context. It was possible to observe a shift from central activities to routine organization. If, before the pandemic, the routine was based on study time, during isolation this centrality was shifted to domestic or professional activities, depending on the context of each young person.

Keywords: Youth Temporalities; Temporal Experiences; Routine; Social isolation; Pandemic

Introdução

O contexto de pandemia vivenciado globalmente a partir de 2020, em decorrência do novo coronavírus, gerou mudanças profundas em diferentes aspectos da vida social. Essas mudanças surgem em razão da doença em si e, também, em razão das medidas que são (ou não são) tomadas no intuito de conter o avanço da disseminação viral.

No Brasil, esse contexto é vivenciado de forma bastante conturbada, tendo em vista que as ações tomadas pelos diferentes âmbitos do poder público não são unificadas e são, por vezes, antagônicas. Assim, os efeitos possíveis no cenário nacional são ainda mais incertos. Apesar disso, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento vêm buscando sistematizar ferramentas que possibilitem análises acerca desse contexto tão

¹ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

atípico. Por vezes, essas análises são ainda incipientes ou precisam ser feitas a partir de dados escassos, tendo em vista que se trata de um fenômeno ainda em curso e das dificuldades existentes da coleta de dados nesse contexto social.

Nesse artigo buscamos construir reflexões acerca de como o cenário de isolamento social altera as vivências temporais juvenis, em especial no que se refere à construção de uma rotina cotidiana. Dessa forma, seu objetivo principal é compreender quais são os principais marcadores temporais vivenciados no dia-a-dia de duas jovens, buscando identificar possíveis alterações em suas rotinas e deslocamentos dos principais marcadores temporais presentes em seus cotidianos.

A partir da análise das rotinas de duas jovens durante o período de uma semana, o artigo visa gerar subsídios para a reflexão sobre as temporalidades juvenis e para a compreensão de com os jovens vivenciam os seus cotidianos.

Escolhas metodológicas

De acordo com Abbot (2004), a pesquisa pode ser motivada por um *enigma*, que diz respeito a “algo sobre o mundo social que seja estranho, incomum, inesperado ou novo” (p. 11) e uma *ideia* que busca responder, interpretar ou resolver esse *enigma*. O *enigma* que motiva a existência desse artigo é a forma como os jovens têm vivenciado seu tempo cotidiano durante o contexto de isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19.

Intrigada por esse enigma, a autora dessa pesquisa já havia conversado sobre o assunto informalmente com jovens que haviam sido interlocutores de pesquisas anteriores e com jovens com quem a autora havia participado de projetos e atividades formativas. Dessas conversas surgiram algumas *ideias* acerca de como seria possível interpretar esse fenômeno. Esse artigo sistematiza uma dessas ideias, que proporcionou olhar para a organização do cotidiano de duas jovens do sexo feminino, que possuíam semelhanças e diferenças importantes. Assim, dentro das limitações impostas pelo cenário atual, constitui-se uma amostra por

conveniência desse campo exploratório que visa a criação de ferramentas para a interpretação desse assunto, bem como proporcionar a sistematização de elementos importantes para a realização de uma pesquisa semelhante em uma escala maior futuramente.

Durante uma semana, essas duas jovens registraram as atividades que foram realizadas a cada hora do dia em um instrumento criado especificamente com essa finalidade. Depois, foram convidadas a refletirem sobre as mudanças que o contexto de isolamento social trouxe em relação às suas vivências temporais. As duas concordaram com a realização da pesquisa e no caso da jovem que ainda não possui 18 anos completos, também foi solicitado a anuência de sua responsável².

Essa estratégia de coleta de dados permite a construção de quadros comparativos sobre a forma como determinados grupos sociais utilizam seu tempo, evidenciando aspectos relevantes sobre a forma como vivenciam seus cotidianos, uma vez que “essas dimensões temporais servem para orientação prática e estão imersas na cultura” (AGUIAR, 2011, p. 74)

As ferramentas metodológicas de averiguação dos *usos do tempo* utilizam, via de regra, a classificação das atividades realizadas a partir de sistema de códigos baseados em projeto internacional de pesquisa realizado em meio à Guerra Fria, envolvendo países socialistas e capitalistas com o intento de compreender os usos do tempo como estratégia de planejamento social.

Apesar dessa forte associação com pesquisas relacionadas ao mundo do trabalho produtivo, a pesquisa sobre *usos do tempo* também vem sendo utilizada já foram utilizadas em outras pesquisas no sentido de identificar a forma como os jovens vivem seus cotidianos (PINHEIRO; PEREIRA; FRANÇA, 2011)

Como a pesquisa apresentada nesse artigo não parte da classificação específica dos sistemas de códigos e não teve como objetivo principal a mensuração dos tempos especificamente falando, e sim a compreensão dos marcadores temporais, dizemos que, metodologicamente, ela se inspira nos estudos dos usos do tempo, mesmo que não se classifique como um desses estudos.

2 Como as jovens já haviam atuado como interlocutoras em outros momentos, todo o contato com elas, bem como sua concordância em participar da coleta de dados se deu por meio aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas. No caso da jovem com menos de 18 anos, a anuência de sua responsável também ocorreu por meio desse aplicativo, a partir de interlocução proporcionada pela própria jovem, seguida de consulta sobre a autorização de participação da jovem por parte da pesquisadora.

Partindo do princípio de que o nível de escolaridade é um elemento fundamental para a compreensão da rotina dos jovens durante o isolamento, optamos aqui pela participação de duas jovens com diferentes níveis de escolaridade: uma cursando o ensino médio e outra o ensino superior.

Kerolen³ é uma jovem de 17 anos, que atualmente cursa o terceiro ano do ensino médio em uma escola pública da região sul do país. Ela reside com a mãe, o pai e o tio em uma conhecida região periférica da cidade. A jovem se identifica como branca e teve algumas experiências profissionais na condição de jovem aprendiz e atualmente busca oportunidades profissionais. A jovem também já atuou como *jovem multiplicadora* do de um projeto social desenvolvido por uma ONG local em parceria com o poder público estadual. A jovem teve uma atuação destacada no projeto, demonstrando grande aptidão para atividades de leitura e escrita, bem como no desenvolvimento de projetos e atividades sociais.

Maiara é uma jovem de 20 anos, também declarada como branca, que nasceu em uma capital da região nordeste do país e ingressou em uma universidade federal da região sul do país pelo modelo de seleção nacional unificada para cursar a graduação de Ciências Sociais. Atualmente reside sozinha em uma cidade que integra uma das regiões metropolitanas da região sul do país. Antes do início da pandemia, a jovem trabalhava como bolsista em uma das bibliotecas da Universidade e agora trabalha como instrutora de yoga. A jovem define-se como alguém estudioso e com grande interesse em aprender e possui desempenho acadêmico destacado.

Mesmo assumindo que esses dois casos não dão conta de expressar toda a complexidade envolvida nas vivências temporais nesse contexto, acreditamos que sistematizar essas reflexões iniciais é um primeiro passo para avançar na construção de ferramentas teóricas e metodológicas para a compreensão das especificidades das vivências temporais juvenis em tempos de pandemia.

Temporalidades juvenis e usos do tempo

O conceito de *tempo* está tão presente em nosso cotidiano que é difícil pensar em seu uso como uma categoria analítica ou mesmo campo de estudos. Contudo, conforme argumenta Norbert Elias (1998), o tempo é uma representação simbólica das inúmeras redes de relações que conectam as experiências individuais, sociais e físicas dos seres humanos em sua relação com a natureza (p. 17). Sendo assim, o *tempo* pode ser uma categoria analítica interessante para a compreensão de fenômenos sociais.

Tempo e Juventude se relacionam de diferentes formas e estão diretamente imbricadas. O reconhecimento de uma categoria etária de juventude, por exemplo, passa pela divisão da vida em ciclos, fases ou tempos. Além disso, a juventude é vista, ora como um tempo de preparação para a vida adulta, ora como um tempo mais propício a práticas culturais, de socialização e de engajamento social e político. É nesse sentido que Franch (2018) defende a *potencialidade heurística* da categoria tempo para os estudos sobre juventudes.

Dessa forma, surge uma área de interesse nas ciências sociais acerca das *temporalidades juvenis*, que compreendem tanto o estudo sobre os modos como as juventudes contemporâneas ocupam/vivenciam o tempo em sua dimensão cotidiana no presente, quanto as formas como os jovens se relacionam com as temporalidades passadas e, sobretudo, com as projeções acerca do futuro.

Essa tarefa vem sendo empreendida por diferentes autores (FRANCH, 2008, 2018; LECCARDI, 2005; MELUCCI, 1996; PAIS, 2006, 2012; PINTO, 2012) que tem se dedicado a compreender a influência dos regimes de temporalidade na forma como os jovens se relacionam com o tempo.

Este artigo busca refletir acerca das temporalidades juvenis, especialmente no que diz respeito à sua dimensão cotidiana. Nos interessa, nesse sentido, identificar marcadores temporais no processo de organização da rotina das duas jovens que compõem o campo dessa pesquisa. Nossa proposta, nesse sentido, não é a de utilizar as metodologias voltadas ao *uso do tempo*, mesmo que inspirada por ela. E sim, identificar de que forma a rotina das jovens foi reorganizada em um contexto de isolamento social.

3 Foi oferecido para as interlocutoras a possibilidade de utilização de nomes fictícios. Contudo, ambas as interlocutoras optaram pela manutenção de seus nomes reais.

Tal qual expõe Giddens (1989), a noção de *cotidiano* diz respeito justamente à rotinização da vida social inscrita no tempo e no espaço. Assim, podemos afirmar que a rotina não diz respeito apenas às atividades realizadas ao longo do dia, mas também a forma como o dia é organizado e gerido.

Assim como a chegada na sociedade industrial pautou a rotinização e o controle rigoroso do tempo de trabalho na sociedade europeia (Thompson, 1998), a modernidade também trouxe mudanças para a organização da rotina infantil e juvenil, a partir da rotinização do ambiente escolar. Conforme apontam Varela e Alvarez-Uria (1992), a rigidez no controle do tempo teve um papel fundamental na preparação dos filhos de operários para uma lógica temporal similar a do mundo fabril: “O espaço escolar, rigidamente ordenado e regulamentado, tratará de inculcar-lhes que o tempo é ouro (...)”. (p.14)

Ao discorrer acerca da *disciplina*, Foucault (2010) apresenta uma série de mecanismos instituídos no ambiente escolar a partir do século XIX, que se assemelham ao controle das atividades militares (tal como horário, controle dos gestos, medição do tempo e utilização exaustiva). Nesse sentido, segundo o autor, a escola se organiza de forma a “intensificar a utilização do tempo” (p. 149).

Mesmo quando trazemos essa análise para o contexto brasileiro e contemporâneo, ainda conseguimos observar a forte rotinização da vida escolar e uma tentativa de sincronia dos tempos individuais com o tempo coletivo:

No ambiente escolar, para além do relógio, que organiza as divisões de tempo vivenciadas por todos, existe uma outra “máquina”, que intervém ainda mais no sentido de pautar as divisões do tempo: o “sinal”. O soar do sino marca o início do turno letivo, a troca de um período para outro, a chegada e o fim do intervalo, bem como o encerramento do turno letivo. Ele sinaliza o momento em que os tempos individuais devem afinar-se com o tempo coletivo do que será realizado naquele momento. (Koerich, 2019)

Apesar das mudanças que a escola, enquanto instituição, teve ao longo desse tempo, e de um recente deslocamento da centralidade da vida juvenil para outros ambientes que não apenas o escolar, é inegável que ela segue sendo uma das instituições

sociais responsáveis pela organização das vivências temporais juvenis.

Ao produzirem uma etnografia do tempo escolar, Souza e Franch (2014) apresentam como a vivência temporal juvenil é fortemente influenciada por unidades de tempo presentes no ambiente escolar (como ano letivo, bimestre, mês e semana). As autoras ainda expõem acerca da existência de duas temporalidades no ambiente escolar, uma do tempo planejado e outra do tempo realmente vivido. Apesar de distintas, contudo, essas vivências temporais não são paralelas, e o tempo vivido pelos jovens é fortemente pautado pelas medições do tempo institucional do ambiente escolar.

Diferente do que ocorre na escola de educação básica, a universidade não possui um regramento temporal tão marcado, proporcionando aos alunos uma maior autonomia da gestão do tempo. Apesar disso, o tempo vivido dos estudantes universitários também segue métricas temporais típicas da sua condição de estudante e, a depender do nível de centralidade que o curso de ensino superior tenha na vida desse jovem, pode pautar sua rotina de forma considerável.

Mesmo que muitas vezes a rotina juvenil seja marcada pelo exercício de equilibrar vivências temporais distintas (como conciliar estudo e trabalho), é inegável que, no momento em que o jovem estava presente em seu espaço de formação (seja escola, seja universidade), sua marcação temporal tendia a obedecer às lógicas temporais daquele espaço.

Contudo, o contexto de isolamento social decorrente da pandemia do novo coronavírus trouxe alterações profundas para a centralidade do espaço de formação na organização da vivência temporal dos jovens. Em um primeiro momento, quando ainda não se dimensionava o tempo de duração desse momento de exceção, as trajetórias educativas (aqui compreendidas tanto à educação básica quanto à educação superior) entraram em um processo de suspensão. A ausência dessas instituições educativas no cotidiano juvenil abriu espaço para rotinas organizadas por outras instituições (como a família), ou mesmo sem uma lógica organizativa da gestão do tempo.

Conforme aponta o antropólogo Félix Ringel (2020), esse contexto de incertezas e mudanças que vivemos, em decorrência da pandemia do novo coronavírus, pode ser visto como uma *privação de agência temporal*,

ou seja, uma ruptura na nossa capacidade de gerir e controlar o nosso tempo cotidiano.

Com o passar do tempo, as instituições educativas adotaram diferentes estratégias para dar continuidade aos percursos formativos. Algumas optaram pela manutenção de atividades síncronas, outras optaram pela realização de atividades e tarefas assíncronas. De toda forma, mesmo nos casos em que se optou pela tentativa de simular os tempos vigentes no ambiente presencial, a lógica do isolamento social colocou barreiras para que o tempo fosse vivenciado de forma similar ao que ocorria antes do contexto de pandemia.

É nesse sentido que Guizzo, Marcello e Muller (2020) apontam da existência de um *cotidiano inventado* no contexto de isolamento social, a partir da reconfiguração dos papéis das principais instituições sociais do cotidiano de crianças e de jovens⁴: as instituições de educação e a família. Segundo as autoras, estabelecer uma nova rotina nesse cenário é particularmente desafiador.

Por mais que especialistas de diferentes áreas (pedagogia, psicopedagogia, psicologia, entre outras) recomendem o estabelecimento de uma rotina, a maneira como os sujeitos têm lidado com a educação caracteriza-se pela flexibilização, pois esse modo de ensinar sugere lidar com outras linguagens, outras temporalidades e, conseqüentemente, com diferentes experiências. De acordo com Saraiva (2018, p. 32), em uma educação mediada pelas tecnologias, “o espaço-tempo perde seu caráter rigidamente universal, relativizando-se e flexibilizando-se. Os corpos perdem sua fixidez e são convidados a se mover: no movimento fundem-se as dimensões espaço e tempo” (GUIZZO *et al.*, 2020, p.7)

De forma similar, o historiador Ricardo Turin argumentou em entrevista recente que um dos efeitos do contexto pandêmico nas vivências temporais foi o de confinar diferentes dimensões temporais, como em uma convivência de co-temporalidades que convivem e se articulam a partir de tensões.

Nossa sociedade vive tempos extremamente des-sincronizados. É essa pluralidade que faz com que tenhamos sensações divergentes, ou mesmo contraditórias. Estamos, ao mesmo tempo, mais acelerados e mais imobilizados na pandemia. O confinamento físico dos corpos representou uma

expansão de suas existências virtuais, acelerando a digitalização de setores inteiros da sociedade. Aulas virtuais, home office, shows online, o consumo pela internet, as notícias, tudo isso embaralha nossas sensações temporais, pois tudo isso acontece no mesmo espaço (o confinamento da casa) e, muitas vezes, simultaneamente. (TURIN, 2020)

É evidente que as estratégias e táticas elaboradas na gestão do tempo cotidiano durante o isolamento social variam de acordo com diversos elementos, como o nível de escolaridade do jovem, a sua condição na residência de moradia, gênero, raça, rede de ensino que está inserido, dentre outras tantas características que podem se mostrar relevantes para refletir acerca dos marcadores temporais das rotinas durante o isolamento social.

Nosso objetivo aqui é o de iniciar essa discussão, demonstrando a relevância da investigação sobre temporalidades nesse contexto tão marcado pela imprevisibilidade. Assim como Medeiros (2020) declarou que ignorar espaço enquanto categoria teórica e de análise para pensarmos o contexto pandêmico seria desperdiçar oportunidades de compreendê-lo, propomos aqui pensar o *tempo* enquanto teoria de análise que auxilie na compreensão desse contexto ainda tão recente.

Duas rotinas em tempos de pandemia: reflexões possíveis

Nessa seção, apresentamos alguns dos marcadores identificados nas rotinas juvenis das duas jovens que compõem o campo dessa investigação. Depois de tecer considerações acerca das similaridades e diferenças gerais relacionadas a essas duas rotinas, apontamos aspectos relacionados aos tempos dedicados aos afazeres domésticos e de cuidados, ao tempo de estudos, ao tempo de trabalho, bem como do tempo livre. Por fim, apresentamos algumas das reflexões sobre as vivências temporais apontadas pelas jovens.

Em termos de similaridades, é importante destacar que as duas jovens, antes da pandemia, tinham a centralidade de sua rotina bastante pautada pelos tempos de estudo. Além disso, podemos verificar que as duas seguiram as orientações de distanciamento

4 O artigo citado trata acerca de crianças. Contudo, tendo em vista a importância que as instituições de educação possuem também no cotidiano de adolescentes e jovens, estendemos aqui a sua compreensão também para esse público.

social durante a semana que envolveu a coleta de dados. Apesar disso, em ambas as rotinas apareceram marcadores de circulação, mesmo que limitados. Na rotina de Kerolen conseguimos observar a circulação dos pais, que seguem trabalhando presencialmente, a circulação do namorado, que vem passar uma noite com ela e a circulação da sobrinha, que na ausência de escola, é cuidada por Kerolen durante o dia. Na rotina de Maiara, a circulação é ainda mais restrita, tendo um único episódio de circulação, envolvendo a visita ao namorado no dia de seu aniversário.

Em termos de diferenças, podemos apontar, principalmente, o nível de ensino (enquanto Kerolen cursa o ensino médio, Maiara cursa o ensino superior) e o contexto familiar de residência. Kerolen reside com os pais e o tio, e Maiara reside sozinha.

Em relação às rotinas propriamente ditas, os horários de acordar variaram entre 6h e 9h no caso de Maiara, e entre 8h e 9h no caso da Kerolen (apesar de ela levantar as 6h para receber a sobrinha e seguirem dormindo juntas por mais um tempo). Kerolen almoçou todos os dias da semana pontualmente às 12h, enquanto os horários de almoço de Maiara variaram entre 12 e 15h. Para Kerolen, os horários de dormir variaram bastante, e Maiara pareceu ter uma rotina mais regrada nesse sentido.

De uma forma geral, a organização da rotina de Kerolen parece estar bastante centrada nos afazeres domésticos, enquanto que a de Maiara tem centralidade, sobretudo, nas tarefas profissionais. A seguir apresentaremos brevemente reflexões acerca dos diferentes *tempos* da rotina das duas jovens.

Tempos de afazeres domésticos e de cuidados

Conforme já abordado por uma vasta literatura acerca da divisão sexual do trabalho, independente das demais funções e atividades que exercem, as mulheres tendem a dedicar mais horas aos afazeres domésticos e de cuidados do que homens. Estudos recentes mostram que essa tendência se confirma também quando se comparam as horas de tarefas domésticas entre meninos e meninas jovens e adolescentes.

Por partir da rotina de duas interlocutoras mulheres, essa investigação não tem a pretensão de estabelecer apontamentos relacionados com as questões acerca das diferenças de gênero, uma vez que essas são essencialmente relacionais (Cyrino, 2009).

Contudo, cabe aqui destacar a centralidade dessas tarefas na rotina de Kerolen. Durante a semana (de segunda a sexta), a jovem foi responsável por diferentes atividades diárias (como a limpeza da casa, preparo do almoço, e gerir as medicações do tio, que possui necessidade de cuidados). Além disso, a jovem foi responsável pelo cuidado da sobrinha de 7 anos na terça, quarta e quinta-feira no período das 6h às 17h.

Tomemos como exemplo a rotina simplificada de segunda-feira, dia em que a jovem não precisou cuidar da sobrinha, como forma de visualizar como a rotina esteve centrada na realização das tarefas domésticas:

8:00- Acordei (Hoje não fiquei de babá da minha sobrinha pois ela ficou com o pai dela)

9:30- Levantei e tomei café

10:00- Comecei a arrumar a casa

11:00- Comecei a fazer o almoço

12:00- Almocei e dei almoço para o meu tio

12:50- Terminei de arrumar a casa e em seguida tomei banho

14:00- Dei o remédio do Tio e logo comecei a estudar

16:00- Minha mãe chegou e fui fazer café

19:00- Pai chegou e fez chá pra mim pois estava com tosse

20:00- Comecei a ver série com meu namorado por chamada

21:00 Jantei e logo voltei para a série até dormir...

(grifos nossos)

Quase metade das atividades apresentadas pela jovem na organização da rotina de seu dia envolvia a realização de tarefas dessa natureza. Durante a semana, a média de horas diárias utilizadas pela jovem para atividades domésticas e de cuidados foi de 5h (utilizando apenas o período de segunda a sexta para o cálculo). Mas, para além do número de horas ocupadas, queremos aqui destacar o quanto a organização do dia pareceu estar bastante centrada nesse tipo de atividade.

No espaço reservado a reflexões sobre a rotina, Kerolen relata cansaço associado à realização dessas atividades, mas em seguida reconhece o esforço da mãe

na realização de atividades similares em seu exercício profissional:

Essa minha rotina as vezes me cansa, mas eu sei que isso não é nada se comparar a o que minha mãe faz todos os dias, por exemplo, limpando a casa de uma pessoa diferente a cada vez, voltando cansada e eu oferecendo apenas uma xícara de café adoçado, para despertar para a manhã seguinte (Kerolen, 17 anos)

No caso de Maiara, a média de horas diárias ocupadas com tarefas domésticas foi de 2 horas e 48 minutos. Algumas tarefas domésticas, que provavelmente foram realizadas pela jovem (como preparar a janta), não aparecem na descrição de sua rotina. Esse fato indica a não centralidade dessas tarefas, apontando que a organização de sua rotina está calcada em outros elementos (enfaticamente as atividades profissionais).

Torna-se importante aqui a realização de pesquisas com propósito semelhante a esse que envolvam jovens de diferentes gêneros, possibilitando um olhar comparativo para essa dimensão.

Tempos de estudo

Em tempos de “normalidade”, o tempo de estudo tende a ser precisamente localizado no espaço e no tempo. Mesmo que as trajetórias formativas (tanto na educação básica quanto no ensino superior) sejam compostas, também, por horas dedicadas a realização de tarefas e trabalhos, a maior parte da trajetória formativa envolve participar sincronamente (e presencialmente) das aulas.

Dessa forma, pode-se apontar para uma centralidade desse tempo na organização da rotina juvenil. As demais atividades costumam se encaixar nos demais horários disponíveis, especialmente quando falamos de alunos da educação básica. É bastante improvável, por exemplo, que o jovem seja demandado a realizar alguma atividade de cuidado *enquanto* estiver no *tempo de estudo* durante período de normalidade. O fato de as aulas presenciais estarem inscritas em um tempo e espaço específico, garante que aquele momento da aula seja um momento *exclusivo* como tempo de estudo.

Uma demonstração disso é o conceito de *contraturno* escolar, utilizado com frequência nas políticas públicas para as juventudes para designar os turnos do dia em que o jovem não está na escola.

Mesmo no ensino superior, que permite uma maior flexibilidade da rotina dos alunos, há situações onde a organização do dia é centrada no percurso formativo. Esse é o caso de Maiara, conforme aponta a jovem:

Eu me dedicava somente à universidade antes (...) Muitas vezes minhas aulas ficavam de manhã à tarde, e de noite eu trabalhava na bolsa. Eu não conseguia, por exemplo, ir numa academia ou praticar yoga que é uma coisa que eu amo e que hoje eu vivo disso (Maiara, 20 anos).

Além das aulas na faculdade, a jovem tinha uma bolsa de trabalho em uma das bibliotecas da Universidade, no período das 16h às 20h, de segunda a sexta. Como a jovem reside em uma cidade da região metropolitana, também comentou sobre como *perdia tempo* no transporte até a Universidade, que envolvia um trem e um ônibus.

Essa rotina me deixava um pouco estressada, muito cansada. Eu perdia muito tempo que eu poderia estar lendo os textos da faculdade nesse percurso. (Maiara, 20 anos).

É nesse sentido que, para a jovem, o contexto de isolamento social foi visto como algo *positivo*. Segundo ela, o tempo que *ganhou* por não precisar mais se deslocar até a universidade pode ser dedicado a projetos antigos, como investir em sua formação como instrutora de yoga.

Ainda em relação aos estudos, Maiara relata que no início da pandemia, a Universidade ficou um tempo *parada*⁵ e que esse *tempo perdido* em sua trajetória acadêmica precisou ser recuperado com a realização de diversas disciplinas a partir do oferecimento de aulas na modalidade remota. Durante a realização do exercício de registro de rotina, Maiara estava no período de recesso na faculdade, previsto entre esse semestre (que é, na verdade, referente ao segundo semestre letivo de 2020) e o início do primeiro semestre letivo de 2021.

5 A Universidade em questão teve as aulas de graduação suspensas do entre março e agosto de 2020. O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade aprovou as diretrizes e o calendário das aulas da graduação na forma de Ensino Remoto Emergencial em 27/07/2020. Essa modalidade está vigente até o momento de realização desse artigo (junho de 2021).

Esse descompasso entre os semestres letivos e os semestres cronológicos também pode ser apontado com uma novidade desse contexto, já que anteriormente os fluxos temporais desses dois calendários costumam se desenvolver de forma similar.

Pedimos para que Maiara contasse sobre o seu tempo de estudo durante o isolamento social no período letivo, e a jovem disse que adaptava sua rotina profissional para conseguir acompanhar as aulas.

Quando eu tava com as aulas da faculdade, eu tentava não dar aulas no turno da tarde, tentava encaixar de todo o jeito as minhas alunas para a manhã e aí eu me dedicava no período da tarde. (...) (Maiara, 20 anos)

Além da participação em atividades síncronas, como assistir as aulas, as atividades formativas do semestre envolviam a realização de atividades assíncronas, que Maiara “encaixa” à sua rotina de acordo com as suas demais atividades

(...) Nesse semestre teve bastante Podcast, bastante vídeo. Eu tentava fazer enquanto fazia as coisas de casa. Porque os afazeres de casa nunca param, né? Então enquanto eu lavava a louça, eu ouvia um podcast... agora as leituras mesmo quando dava era de tarde, se não, lia de madrugada. (Maiara, 20 anos).

Essa tentativa de conciliar o estudo com outras atividades, especialmente com a realização de atividades domésticas, também esteve presente na rotina de Kerolen, que relatou dificuldades nessa empreitada:

14:50- Coloquei um desenho pra Júlia e fui estudar (não deu muito certo pois ela não parava quieta (Kerolen, 17 anos).

O tempo de estudo de Kerolen pareceu bastante “picotado” em meio a sua rotina nesse contexto de isolamento. Segundo os registros da jovem, durante a semana de realização do exercício, os momentos em que a jovem conseguiu estudar foram na segunda-feira, das 14h às 16h (enquanto também cuidava das medicações do tio); na terça-feira das 15h às 15h30 (enquanto cuidava da sobrinha) e com dedicação exclusiva das 17h30 às 18h. E na quarta-feira das 18h às 18h30, com dedicação exclusiva.

Nos demais dias, não houve menção a tempo dedicado aos estudos. Importante fazer a ressalva aqui que Kerolen costuma ser uma aluna bastante aplicada em tempos de “normalidade”, como já pudemos acompanhar em atividades anteriores. A jovem, inclusive, ganhou recentemente um concurso literário voltado à sua faixa etária. Essa ressalva é importante no sentido de evidenciar as dificuldades de manutenção de um *tempo de estudos* mesmo entre aqueles jovens que possuem uma disciplina de estudos em sua trajetória.

Esse elemento aponta para a necessidade em se realizarem pesquisas voltadas à forma como os jovens têm vivenciado os desafios da educação nesse contexto pandêmico, uma vez que grande parte das publicações acerca dos desafios pedagógicos contemporâneos têm se debruçado principalmente sobre as dificuldades encontradas pelos docentes. (PALÚ; SCHÜTZ; MAYER, 2021; SILVA; SILVA, 2021)

Apesar das diferenças significativas do espaço dedicado aos estudos na rotina das duas jovens, de uma forma geral podemos afirmar que se antes o tempo de estudo organizava a rotina e, portanto, a realização das demais atividades se encaixavam no *contraturno* do estudo, agora, aparentemente, os estudos se encaixam nas demais atividades, sejam elas atividades domésticas, sejam atividades profissionais.

Tempos de atividades profissionais

Buscamos aqui apresentar as principais considerações acerca dos tempos dedicados à inserção profissional, bem como das reflexões que foram realizadas pelas jovens sobre esse aspecto. Não chamamos aqui de *tempo de trabalho*, por considerar que o conceito de trabalho seja mais amplo e envolve tanto as tarefas profissionais, como as tarefas não remuneradas, como os afazeres domésticos. Assim, não necessariamente nos referimos a atividades profissionais em sua relação com o conceito de *profissionalização* e sim de trabalho remunerado.

Conforme já exposto acima anteriormente, antes da pandemia Maiara atuava como bolsista em uma das bibliotecas da universidade. Durante o contexto de pandemia, a jovem conseguiu colocar em prática projetos antigos voltados à concentração de suas atividades profissionais na função de instrutora de

yoga, atividade que consegue exercer em casa durante esse contexto.

Ao observar o instrumento preenchido por Maiara, fica evidente a centralidade que as atividades profissionais possuem agora na organização de sua rotina. Ao longo da semana, foram 13h utilizadas dando aulas de yoga e outras 7 horas preparando aulas ou conteúdos de apoio para elas. Dessa forma, a jovem relatava o quanto esse contexto foi importante no sentido de oportunizar uma mudança positiva na gestão de seu tempo.

Aí eu consegui ter liberdade, que antes eu não tinha tempo nenhum para me dedicar porque eu ficava muito cansada (Maiara, 20 anos)

Por outro lado, o contexto de isolamento parece ter gerado efeitos negativos para Kerolen no que diz respeito à gestão de seu tempo, principalmente no que se refere à construção de projeto de futuro e de aspirações profissionais.

Tinha diversos planos antes disso tudo, trabalhar, *juntar um dinheiro*, fazer um cursinho pré-vestibular, me formar. Mas tá sendo bem complicado conciliar, me focar ou aprender. (Kerolen, 17 anos).

Essa constatação de Kerolen pode ser interpretada à luz do que Ringel (2020) argumenta em relação à dificuldade de planejar o futuro em tempos de crise como a que estamos vivendo. Segundo o antropólogo, contextos como os nossos nos empurram para o que Jane Guyer chama de *presentismo forçado*, devido à incerteza de quando poderemos pensar nos termos de uma “vida normal”.

Além dessa dificuldade relatada no que diz respeito aos projetos mais relacionados ao futuro (como se formar e fazer cursinho), a jovem relata dificuldades relacionadas à inserção mais imediata em atividades profissionais. A jovem desabafa:

Nem mesmo pra entrevistas me chamam, depois de tantos currículos enviados... Mas apesar de tudo seguimos, semanas boas e semanas ruins. (Kerolen, 17 anos)

Se, por um lado, Kerolen parece estar inserida no grupo de jovens que teve que “adiar” seus projetos de futuro (ou até mesmo reorientá-los), Maiara está no

grupo dos jovens que puderam efetivar antigos projetos e sonhos que estavam guardados, esperando o melhor contexto para serem concretizá-los.

As diferenças aqui apresentadas na rotina das jovens no tocante a atividades profissionais e, em especial, à suas expectativas em relação ao futuro apontam para como os jovens brasileiros têm sentido efeitos diferenciados do contexto de isolamento social. Essas diferenças são reflexos das desigualdades de oportunidades a que estão expostos e que são permeados por desigualdades de classe, gênero, raça, território, escolaridade dos pais, dentre outras.

Maiara e Kerolen não se distinguem tão consideravelmente em termos de faixa etária, locais de residência ou mesmo *origem de classe*. Mas estiveram expostas a diferentes contextos sociais durante o período de isolamento social e tiveram acesso a diferentes oportunidades. Maiara reconhece o quanto a possibilidade de visualizar efeitos positivos do contexto de isolamento social em sua trajetória é, também, reflexo do privilégio de ter acessado algumas oportunidades.

Eu sei que muitas pessoas estão passando necessidade nesse contexto e eu reconheço isso, mas no meu caso isso foi diferente, muito em razão de vários privilégios de conseguir ter acessos, etc

Tempo “livre”

Mônica Franch (2000) alerta para a importância de olhar para a ocupação do tempo livre como uma forma de compreender aspectos fundamentais da vida juvenil de forma a fugir da noção de que o *tempo livre* é um mal a ser combatido.

No exercício aqui proposto, o *tempo livre* das jovens pareceu ser ocupado de forma similar. Tanto Maiara quanto Kerolen tiveram momentos da semana para encontrar seus namorados e vivenciar esse tempo dedicado à suas relações. Ou, como disse Kerolen, “Tirar um tempo para dedicar ao amor”.

As jovens também relataram tempos diários preenchidos por *descanso*. Esses momentos envolveram, sobretudo, a leitura de livros, ou o hábito de assistir filmes ou séries.

Interessante, nesse sentido, pensar o quanto o *tempo livre* é bastante associado a hábitos praticados frente às telas. Vinte anos atrás, ao analisar os usos do tempo livre de jovens da periferia, Franch (2000)

encontrou “assistir televisão” como a prática de tempo livre mais citada entre jovens. Naquela ocasião, os jovens que participaram da pesquisa assistiam a TV aberta e ficavam trocando de canal durante os intervalos comerciais, com o intuito de busca um “divertimento” constante. Para a autora, esse hábito também pode ser visto como uma busca pela sensação de preenchimento e mesmo de sociabilidade:

É também (...) um meio de evasão, uma forma de vencer o tédio, um “passatempo” que ocupa o lugar da sociabilidade, ou até da contemplação solitária, fornecendo a ilusão da companhia através das suas imagens constantes. Assistir TV à toa, mudando de canal durante os comerciais, procurando algum divertimento nas ondas televisivas, é uma das formas, a mais pungente talvez, de “matar o tempo” de um sábado à tarde. Contudo, a relação do indivíduo com a televisão pode ser entendida como uma outra forma de exercer a sociabilidade, requisito básico, como já foi repetidamente comentado, da recreação. (FRANCH, 2000, p. 124)

No cenário atual, com a difusão das plataformas *streaming*⁶, há alteração na forma de se relacionar com essa tela, uma vez que os jovens podem possuir uma relação de maior autonomia em relação ao que pretendem assistir, sem a necessidade, por exemplo, de ficar alternando canais durante os intervalos comerciais.

Mas, de forma semelhante, a interação via telas cumpre um propósito de sociabilidade similar ao encontrado por Franch no contexto por ela estudado. Também lá a pesquisadora encontrou ocasiões em que assistir televisão fazia parte de eventos de sociabilidade. A inovação do momento atual talvez seja a possibilidade de que essa socialização ocorra mesmo quando os jovens não se encontram no mesmo ambiente.

Kerolen inclusive relatou uma forma interessante de contornar as distâncias geradas pelo isolamento social: ela e o namorado assistiram séries ao mesmo tempo em que estavam *em chamada* pelo telefone. Assim, mesmo cada um em sua casa, era como se estivessem “gastando” esse tempo livre de forma conjunta.

Uma das características desse *tempo livre* é que, diferente da rigidez dos demais tempos, sua existência é mais fluída, sem uma precisão de início e término.

No caso de Kerolen, por exemplo, em uma das noites dedicadas a assistir séries, esse tempo acabou se estendendo até às quatro da manhã. O tempo livre, assim, é menos uma parte constituinte da rotina e mais elementos que preenchem o tempo *apesar* da rotina.

Percepções do tempo e do contexto

Depois de apresentar os *achados de pesquisa* referentes às duas rotinas aqui analisadas, trazemos aqui algumas das reflexões acerca das percepções das jovens sobre o tempo vivenciado nesse contexto de isolamento, bem como sobre o contexto pandêmico em si.

Uma das principais mudanças que o contexto de isolamento trouxe foi a *dessincronização* entre as rotinas individuais e a rotina coletiva. Mesmo em tempos de “normalidade” há uma coexistência entre os tempos individuais e os tempos coletivos, conforme aponta Melucci (1996). Contudo, a existência de atividades cotidianas presenciais gera aspectos de sincronização dos tempos individuais, ao menos momentaneamente e entre os jovens que compartilham as atividades de formação.

No contexto de isolamento social, essa sincronização entre tempos individuais e coletivos não ocorre mais necessariamente devido aos compromissos educativos. Cada família teve sua reorganização temporal e de rotina. Essas alterações mudaram não apenas a forma como o tempo é organizado nas rotinas, mas também a forma como o tempo é percebido por cada um.

Maiara confirma que sentiu mudanças na forma de se relacionar com o tempo.

Com certeza a forma como a agente se relaciona com o tempo mudou durante a pandemia. Até porque tu não fica mais em contato com outras pessoas. Por exemplo, quando estamos com os amigos, o tempo voa, é uma coisa muito positiva. E hoje em dia é muito difícil viver isso. Mas, ao mesmo tempo, quando a gente está nas redes sociais, eu tenho a impressão que o tempo passa mais rápido. A gente fica ali vidrado no telefone, que prende a gente de uma forma... (Maiara, 20 anos)

6 No campo da tecnologia da informação, *streaming* diz respeito à uma forma de distribuição digital, que se caracteriza pela distribuição de dados através da internet, sem a necessidade de que os usuários descarreguem esses dados de forma individual. Um dos principais exemplos das plataformas *streamings* é o Netflix®.

Nesse sentido, o tempo de lazer e socialização, mesmo que modificado, continua “voando”, marcando uma percepção de rapidez e fluidez. Apesar de afirmar que sua rotina hoje é bastante cheia, Maiara relata estar *menos cansada* que antes. Essa redução do cansaço não diz respeito à redução de atividades realizadas e sim a mudanças na natureza das atividades realizadas. Ao substituir o tempo de locomoção por atividades profissionais, a jovem *percebe* o tempo de forma diferente.

Por outro lado, ao relatar sua rotina, Kerolen utiliza a expressão “a rotina de sempre”, indicando certa monotonia ligada à repetição da rotina. Franch (2008), ao analisar os sentidos de tempo desenvolvidos por jovens de classes populares, aponta que, para as jovens analisadas, “é o tempo da reprodução doméstica que mais responde pela sensação de repetição” (p. 140). Em partes, essa repetição guarda percepções de cansaço por parte da jovem, que acaba acumulando as atividades de estudo com as atividades de cuidado com a casa e com outras pessoas.

Ao contrário disso, Maiara descreveu precisar “fugir do tédio” no momento em que as aulas da faculdade ficaram suspensas em 2020, aprofundando sua formação como instrutora de yoga para esse fim.

Aí depois da pandemia eu comecei a olhar mais para meus estudos. Porque eu fiquei um semestre parada e eu comecei a pensar o que eu poderia fazer (...) “Eu pensei: eu preciso ocupar minha mente, porque não tem nada para eu fazer (Maiara).

Além das percepções sobre o tempo, Kerolen teceu reflexões sobre como estava vivenciando o contexto de pandemia.

Depois de termos perdido tantas pessoas, inclusive minha avó e alguns parentes e amigos da família, encontramos todos os dias motivos para continuar, nem que sejam pequenos.

Durante essa semana, aconteceu também o 29 de maio, um dia histórico que eu não pude participar, tanto por medo da doença e de trazê-la para dentro de casa, quanto por talvez levá-la para lá, e ficar em casa foi uma decisão difícil, pois sei como está crítico o país nesse desgoverno e nessa loucura. Mas poder ver o tanto de pessoas na luta foi como um suspiro de alívio. (Kerolen)

Apesar das dificuldades que relata em sua rotina decorrentes desse contexto, a jovem finaliza sua reflexão falando em *suspiros de alívio* e esperanças de novas organizações do tempo e rotina, menos pautadas pelo medo “da doença e de trazê-la para dentro de casa”.

Considerações Finais

Esse artigo buscou tecer reflexões iniciais acerca dos marcadores temporais da rotina de duas jovens durante o contexto de isolamento social decorrente da pandemia do novo coronavírus. Seu objetivo não foi o de verificar milimetricamente de que forma as duas jovens ocuparam seu tempo durante uma semana. Ao contrário, partimos de seus registros da rotina para compreender quais os marcadores temporais emergiram desse registro.

Sabemos que, ao utilizar instrumentos como esses, é preciso estar ciente de que muitas informações *escapam* às anotações. A ideia foi, assim, partir da forma como as próprias jovens representaram suas rotinas e seu cotidiano.

Podemos constatar um deslocamento na centralidade da organização do tempo na rotina, que antes estava centrado nos tempos de estudo, e que, agora, estão centrados em diferentes tempos (como os de afazeres domésticos e de atividades profissionais).

Conforme já afirmou Franch (2008), é preciso encontrar um balanço entre a tese de que as temporalidades juvenis contemporâneas podem ser sentidas de forma cada vez mais individual e o fato de que essa individualização esconde “linhas de força” na construção dessas temporalidades, pautadas em diferenças de condições de vida. (p.195)

As reflexões expostas nesse artigo demonstram parcialmente essa tensão. Se, por um lado, as vivências temporais cotidianas dessas jovens parecem fruto de escolhas individuais ou mesmo de contexto familiares específicos, por outro, alguns marcadores relacionados à condição de vida das jovens dão pistas sobre a forma como jovens em contextos similares podem vivenciar suas relações temporais. O próprio contexto da pandemia que, por mais que seja vivenciado de forma diferencial entre os jovens, é um elemento que atravessa a rotina e o cotidiano dos jovens contemporâneos de uma forma geral, podendo gerar marcas e efeitos parecidos nas temporalidades juvenis.

Assim, esses deslocamentos observados na rotina dessas duas jovens podem nos ajudar a dar as primeiras pistas sobre os efeitos que esse contexto atípico de pandemia e de isolamento social pode trazer não apenas para a organização da rotina, mas também para os marcadores centrais das vivências temporais juvenis.

Acreditamos que a realização desse campo exploratório e a sistematização das análises aqui registradas possam demonstrar a relevância de estudos voltados a compreender as vivências temporais juvenis em contextos sociais atípicos, como o que estamos vivendo. Evidencia-se, dessa forma, a necessidade de realização de novas pesquisas com esse propósito, que envolvam um número maior e mais diverso de interlocutores, para que seja possível estabelecer análises comparativas e identificar o papel de diferentes características como faixa etária, classe, gênero e raça na forma como os jovens se relacionam com as mudanças temporais nesse contexto.

Referências bibliográficas

- ABBOTT, Andrew. **Methods of Discovery: Heuristics for the Social Sciences**. New York, Norton, 2004.
- AGUIAR, Neuma. Mudanças no uso do tempo na sociedade brasileira. **Revista de Ciências Sociais – Política & Trabalho**. Ribeirão Preto, n.34, p. 73-106, 2011.
- CYRINO, Rafaela. Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado. **Revista Sociologias**. n. 21, p. 66-92, 2009.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 38. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- FRANCH, Mónica Lourdes. **Tardes ao léu: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife- PE, 2000
- FRANCH, Mónica Lourdes. **Tempos, contratempos e passatempos: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Recife**. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- FRANCH, Mónica Lourdes. De Tempos em Tempos: Reflexões sobre a Categoria Tempo nos Estudos sobre Juventudes. **Revista TOMO**, São Cristóvão, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i32.8838>
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- GUIZZO, Bianca; MARCELLO, Fabiana; MÜLLER, Fernanda. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202046238077>
- KOERICH, Bruna Rossi. **(Contra)Tempos na escola: reflexões sobre a vivência do tempo no ensino médio**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/205807>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- LECCARDI, Carmen. “Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo”. **Tempo Social**. São Paulo, v. 17, n. n. 2, p. 35–57, 2005.
- MEDEIROS, Ricardo. Coexistir no espaço-tempo da pandemia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, v. 5, p. 142–147, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/eg.v5i9.42304>
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 3–14, 1996.
- PAIS, José Machado. A esperança em gerações de futuro sombrio. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 267–280, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142012000200018>
- PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (org.). **Culturas jovens: Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro, Jorge ZAHAR Editor, 2006. p. 7–21.
- PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton; MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta, Editora Ilustração, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46550/978-65-991146-9-4>

PINHEIRO, Ana Carla Oliveira; PEREIRA, Flavilio da Silva; FRANÇA, Rafael. A análise dos usos do tempo como instrumento para se pensar a juventude. **Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFES**, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/snpgcs/article/view/1558>. Acesso em: 25 ago. 2021.

PINTO, Edmara de Castro. Tempo da Juventude ou Juventude além do Tempo? In: ARAÚJO, Emília; DUQUE, Eduardo (ed.). **Os tempos sociais e o mundo contemporâneo**. Um debate para as ciências sociais e humanas. Portugal, Universidade do Minho, 2012. p. 225–237.

RINGEL, Felix. Como a pandemia mudou nossa percepção do tempo. **Nexo Jornal**, Brasil, 26 jun. 2020. Externo. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2020/06/26/Como-a-pandemia-mudou-nossa-percep%C3%A7%C3%A3o-do-tempo>. Acesso em: 24 maio 2021.

SILVA, Katharine; SILVA, Jamerson. **CADERNOS DA PANDEMIA: problematizando a Educação em tempos de Isolamento Social**. Curitiba, Editora CRV, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.24824/978652510847.6>

SOUZA, Josilene Pequeno de; FRANCH, Mónica. Ritmos, tempos medidos e tempos vividos: uma etnografia do tempo escolar. In: **Anais dos GTS da REFOR**. 18., 2014, Recife- PE, UFPB, 2014. p. 656–673.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

TURIN, Ricardo. **Tudo ao mesmo tempo**: pandemia nos confinou a diferentes dimensões temporais. Entrevistador: Juliana Sayuri. Japão, TAB Uol; 12 ago. 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/12/tudo-ao-mesmo-tempo-pandemia-nos-confinou-a-diferentes-dimensoes-temporais.htm>. Acesso em: 14 jun. 2021.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria Escolar. In: **Teoria & Educação**. n. 6 São Paulo, 1992, p. 68–96.